

LIÇÃO 5: INJUSTIÇA E ABUSO DA LIBERDADE CRISTÃ

TEXTO ÁUREO: “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus?” (1 Co 6.9).

LEITURA BÍBLICA: 1 CORÍNTIOS 6.9-12

INTRODUÇÃO

Na sequência da repreensão à falta dos coríntios em admitir na comunhão da igreja uma pessoa de conduta moral reprovável, o apóstolo Paulo passa à consideração de outros erros graves que se cometiam naquele meio. Em um senso de justiça egoísta e em nome de uma liberdade que nada mais era que servidão às paixões carnis, esses irmãos pecavam contra a verdadeira justiça e liberdade cristã.

I – A INJUSTIÇA DE IRMÃOS CONTRA IRMÃOS (VV. 1-8)

A questão de que Paulo agora trata em sua epístola é oportuno. No caso do incestuoso que precisava ser excluído da comunhão, ele havia apelado à autoridade que o Senhor havia conferido à igreja para julgar as causas que surgissem no meio dela: “Não julgais vós os que estão dentro?” (5.12). E aqui esta autoridade é ampliada, nos termos de que os santos “hão de julgar o mundo” (v. 2) e até “os anjos” (v. 3). À luz do que já temos estudado, podemos dizer que a igreja do Senhor Jesus está em uma posição muito elevada em relação a toda a criação (3.22-23), e que a sabedoria e justiça manifestada nos fiéis servirão de critério para, naquele dia, condenar todos quantos não se conformarem ao mesmo padrão (cf. Hb 11.7).

Contudo, os coríntios se esqueciam de que, sendo incumbidos por Deus com tão grande autoridade para julgar as coisas espirituais, poderiam muito bem julgar entre si mesmos “as coisas mínimas”, “as coisas pertencentes a esta vida”. A princípio, o problema não era um cristão apelar para os magistrados seculares porque sua disputa era com um incrédulo que não aceitaria o juízo da igreja. Mas, apelar para os tribunais seculares para resolver uma disputa com outro cristão representava um duplo problema: “o irmão vai a juízo com o irmão, e isto perante infiéis” (v. 6). Primeiro, porque o juízo nesses tribunais era estabelecido por magistrados incrédulos, cujos critérios para tomar suas decisões se baseavam numa percepção natural da moral e justiça. E qualquer relacionamento entre cristãos, mesmo os mais mundanos e naturais, deve se pautar sobre a ética e sabedoria divinas.

Mas já era um problema o simples fato de haver entre os irmãos disputas que exigissem a intervenção de um juiz, mesmo que de dentro da própria igreja: “Na verdade é já realmente uma falta entre vós, terdes demandas uns contra os outros” (v. 7). O egoísmo e a ambição natural do ser humano, que já se mostravam nas disputas e vanglórias dos coríntios, a floravam quando a questão envolvia aquilo que cada um considerava seu e de seu direito. E o que levava um crente ao erro de buscar a justiça secular era o erro de outro crente praticar a injustiça, o dano, contra o seu próprio irmão. Paulo repreende o comportamento carnal de ambos sobre o argumento da mais clara e básica regra cristã da humildade e sujeição de uns aos outros: “Por que não sofreis antes a injustiça? Por que não sofreis antes o dano?”, conforme ensinado e exemplificado pelo próprio Senhor Jesus (cf. Mt 5.38-42; Fp 2.3-4).

II – REPREENSÃO A TODA FORMA DE INJUSTIÇA (VV. 9-11)

A propósito da injustiça que vinha sendo cometida entre os coríntios, de irmão contra irmão, o apóstolo alerta sobre a gravidade do seu pecado, a partir do fato de que a sua chamada em Cristo, pelo evangelho, representava exatamente uma conversão da injustiça para a justiça e santificação. Qualquer forma de injustiça é incompatível com o reino de Deus, do qual eles haviam sido feitos herdeiros. “Não erreis” (v. 10) é uma forma de Paulo chamar a atenção deles para a sua conduta atual, que não condizia com o seu chamado, mas com as injustiças que cometiam antes de conhecerem a Cristo Jesus.

De fato, alguns deles haviam sido devassos, idólatras, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões, avarentos, bêbados e maldizentes – típicos cidadãos de Corinto. Contudo, pela graça de Deus, pela lavagem, justificação e santificação que há na cruz de Cristo, aplicada na vida do homem pelo poder do Espírito de Deus, todas essas injustiças haviam sido devida e eficazmente removidas da conta dos coríntios perante Deus, e eles haviam sido habilitados a se conduzir de um modo digno do evangelho.

III – O ABUSO DA LIBERDADE CRISTÃ (VV. 12-20)

Embora pareça tratar de um novo assunto, Paulo prossegue descrevendo e aplicando a devida correção às injustiças que se cometiam entre os coríntios. Agora, ele se volta para a imoralidade ou impureza sexual, tratando-se de forma mais ampla e abrangente do que fez com o caso isolado no capítulo anterior. Primeiro, corrige a máxima: “Todas as coisas me são lícitas” (v. 12), possivelmente usada entre os coríntios para justificar a distorção da liberdade cristã. É verdade que, em relação às velhas superstições deste mundo e as sombras e figuras da antiga dispensação, nos alimentos, dias e coisas que não podiam ser manuseadas, estamos livres e não somos mais constrangidos e guarda-las. Mas ainda há coisas que “não convém”, ou que podem dominar e escravizar aqueles que fazem mal-uso delas.

Podemos notar como era baixo o nível moral dos tempos de Paulo pela maneira incisiva como os apóstolos precisaram tratar a questão no primeiro concílio da igreja, em Jerusalém (At 15), onde foi expressamente proibida a “fornicação”, por ser prática indiferente para os gentios. Em Corinto, Paulo tem de lidar com o abuso da liberdade cristã, como se a fornicção fosse algo tão natural ao corpo como os alimentos ao estômago (v. 13). Por isso, em segundo lugar, o apóstolo considera a importância do nosso corpo, e do destino glorioso que Deus lhe reservou. O corpo é necessário em santificação agora, para a expressão da nossa comunhão e vida com Deus – nosso corpo é o “templo do Espírito Santo” (v. 19).

O pecado da fornicção torna-se particularmente grave, pois é um atentado direto contra o corpo, que já não é mais nosso, mas de Cristo: “Tomarei, pois, os membros de Cristo, e os farei membros de uma meretriz? Não, por certo” (v. 15). Embora todo pecado seja cometido através do corpo, e muitos sejam prejudiciais para a própria integridade física (como a glotonaria, a embriaguez), a fornicção é um pecado no qual o corpo é entregue a outro, que não o Senhor: “Porque serão, disse, dois numa só carne” (v. 16). E isto é uma afronta à comunhão e unidade que há entre o cristão, em seu espírito, e o Senhor. É tirar de Deus o que Lhe pertence, e pelo que Ele pagou “bom preço” (v. 20), e entregar a outro. Para reforçar a gravidade desse pecado, ele usa a comparação já empregada anteriormente, agora dizendo que não apenas a igreja, de um modo geral, mas cada um de nós, em nosso corpo, somos templo do Espírito Santo.

CONCLUSÃO

Deus nos chamou para a justiça e santificação. Pela graça de nosso Senhor Jesus, fomos purificados de todas as injustiças e impurezas que cometemos no passado para vivermos agora uma vida digna do Evangelho. Como alertou o apóstolo, não erremos, confundindo a liberdade que há em Cristo com a libertinagem em que muitos crentes têm incorrido. Quaisquer que sejam as desculpas e justificativas apresentadas para esses abusos, a lei evangélica permanece, de que os injustos não herdarão o reino de Deus.